

Validação Psicométrica da Escala UCLA-Loneliness para Idosos Portugueses

Margarida Pocinho, Carlos Farate, Carlos Amaral Dias

Em 1959, Fromm-Reichmann publicou um artigo na psiquiatria intitulado 'solidão' que veio a ser o catalizador da pesquisa sistemática nesta negligenciada área de estudo. Nas duas décadas seguintes, pensadores de várias áreas começaram a desenvolver as bases teóricas para a compreensão da solidão (Slater 1976; Weiss, 1973). Em 1982, Peplau e Perlman editaram um trabalho que continha algumas das completas representações da teoria construtiva e da pesquisa sobre solidão até aquele momento (Peplau e Perlman 1982). Desde então, o nosso conhecimento e compreensão da solidão tem aumentado, ao ponto de começar a incorporar esta condição na prática clínica. Ainda assim, e apesar da solidão fazer parte da associação de diagnósticos de enfermagem da América do Norte (NANDA) (Carpentino 1995), não foi ainda incorporado no manual de estatística e diagnóstico (DSM-IV), nem listado no índice de trabalhos. Uma razão para esta omissão pode ser, segundo Booth (2000), a falta de familiaridade dos clínicos com o conceito como um constructo isolado/ discreto, mas apenas compreendido como relacionado com outras patologias, nomeadamente a depressão.

A definição é, de facto, um problema, uma vez que a solidão é um estado mais fácil de descrever do que definir. O desafio conceptual emerge, em parte, das diferentes perspetivas da pesquisa sobre o problema.

Em todas as áreas das ciências sociais, incluindo a Psicologia, e na

área das ciências médicas, e das ciências humanas em geral, a nosologia sucede à epistemologia, isto é, o método de nomear uma determinada condição deriva da forma de a pensar. Assim, por exemplo, as explicações sociológicas referem que as causas de solidão se situam fundamentalmente fora do indivíduo, sendo este estado percebido como um atributo distribuído normalmente entre a população. A perspetiva interaccionista defende que a solidão é um produto combinado dos efeitos provocados por fatores situacionais e da personalidade. Nesta linha, Weiss (1957) distinguiu dois tipos de solidão: solidão social – em que uma pessoa se sente só e insatisfeita, por causa da falta da rede social de amigos e de pessoas conhecidas – e solidão emocional – em que o indivíduo está só e insatisfeito, por falta de uma relação pessoal íntima. A abordagem cognitiva da solidão é o resultado dos restritos e pouco satisfatórios contactos sociais do indivíduo, relativamente aos seus desejos. Assim, a solidão é definida, nesta abordagem, como o sentimento de mal-estar que se desenvolve quando há uma discrepância entre o tipo de relações sociais que temos, isto é, entre os níveis de contactos sociais desejados e realizados.

Booth (2000) refere que a solidão não pode ser vista unidimensionalmente, mas antes como um problema multidimensional envolvendo, não somente, défices nos papéis sociais e esquemas prototípicos disfuncionais, mas também problemas cognitivos, alteração dos padrões de atribuição, problemas situacionais, expectativas irrealistas, entre outros fatores.

Assim, uma definição de solidão aceitável terá que conjugar estas situações multifatoriais. Apesar de tudo, é possível descrever um perfil da pessoa solitária, se forem tidos em conta os diferentes tipos de solidão (Jong-Gierveld e Raadschelders 1982). De facto, apesar da diversidade de definições da solidão, as pessoas continuam a descrever e a sentir a sua solidão, mesmo que não tenham um conhecimento completo sobre este estado de espírito. Fundamentalmente, a solidão pode ser conceptualizada como uma condição afetiva adversa acompanhada por cognições problemáticas, circunstâncias de vida desfavoráveis, estratégias inadequadas de resolução de problemas, padrões interativos disfuncionais, entre outros fatores de carácter individual e/ou social. Importa, ainda, ter em mente que a experiência subjetiva da solidão é, por vezes, tão intensa que, muitas vezes, o sujeito em sofrimento não consegue pensar em mais nada. Em consequência, o sentimento de vazio sentido pela pessoa em solidão é confundido com a própria solidão.

Mesmo se, como verificámos, não existe na literatura, um consenso

generalizado sobre a definição de solidão, algum acervo de conhecimento tem sido coligido sobre o que não é a solidão. O isolamento voluntário não é solidão, porque a pessoa em solidão não entra voluntariamente nesse estado emocional (pelo contrário, o sujeito sente que se encontra desesperadamente só e não compreende a causa desse sentimento). O isolamento voluntário conscientemente autorizado, para meditação, para ouvir música, afastar-se das contingências da vida moderna ou simplesmente o desejo de 'não fazer nada' (Weiss 1973; Walker 1987), também não são sinónimos de solidão. É bem sabido que algumas pessoas gostam de estar sozinhas, já que assim se sentem mais produtivas e criativas. Segundo Sorr (1988), estão sós sem estar em solidão. Resulta desta breve revisão da literatura, sobre o tema em apreço neste artigo, que a disponibilidade científica de um instrumento psicométrico válido e fidedigno que avalie os sentimentos subjetivos de solidão, ou de isolamento social, justifica a realização do estudo que serve de base a esta publicação.

MATERIAL E MÉTODOS

A UCLA-loneliness Scale é uma escala de heteroadministração, constituída originalmente por 20 itens, todos elaboradas no sentido do constructo da solidão, com quatro alternativas de resposta, variando entre o nunca e frequentemente. Foi desenvolvida para avaliar os sentimentos subjetivos de solidão ou isolamento social. Os itens da versão original foram criados com frases utilizadas por indivíduos solitários para descrever sentimentos de solidão (Russel, Replau e Ferguson 1978). As questões estavam todas apresentadas na direção negativa ou dirigidas à solidão, às quais os indivíduos indicavam com que frequência tinham sentimentos de solidão, numa escala de medida que variava entre nunca (1) e o frequentemente (4).

Desde a sua criação, a versão original tem sido revista, estando atualmente na sua 3.^a versão, devido à assumpção de que as frases não deveriam ter todas a mesma direção, uma vez que poderia afetar o score. Num estudo exploratório, procedemos à administração de ambas as escalas e questionámos os idosos sobre a simplicidade da linguagem utilizada na sua formulação linguística. O teste Q de Cochran mostrou que, no caso da heteroadministração, a escala em que os itens da solidão estão todos em direção negativa mostrou ser significativamente mais simples, pelo que optámos por utilizar esta versão em detrimento de uma mais atual.

No âmbito deste estudo de validação psicométrica da versão Portuguesa da escala de solidão UCLA, aplicámos a escala a uma amostra de 660 idosos de ambos os sexos, residentes em Portugal.

RESULTADOS

Uma primeira análise da escala de solidão UCLA mostrou 4 dimensões com valores próprios superiores a 1, onde a primeira dimensão explica 36% da variância total, baixando drasticamente a capacidade de explicação das restantes dimensões. Esta 1.^a ACP rodada revelou que o item 3, 6, 14 e 20 da escala original não apresentavam correlação significativa com o 1.^o fator (dimensão da solidão) e embora todos aparentem representar isolamento, estão dispersos pelos outros fatores.

Na estatística do item total para o estudo da fidedignidade global, a análise da correlação corrigida e do Alpha (se o item for eliminado), mostra-nos, uma vez mais, que os itens 3, 6, 14 e 20 têm uma correlação muito fraca e retirá-los seria vantajoso para a fidedignidade global.

Apesar de a análise fatorial e de fidedignidade nos mostrarem ausência de correlação dos 4 itens já referidos, procurámos verificar se subdivididos pelas subescalas Afiliação, Afinidade e Isolamento Social apresentadas por Abreu (1995), os resultados melhoravam; contudo, não aconteceu e a sua análise apenas confirmou a opção pela retirada dos 4 itens. Deste modo, já com a versão de 16 itens, pudemos observar os seguintes resultados.

Assim, a análise da matriz dos valores próprios indica-nos que uma escala de 2 fatores com valores próprios superiores a 1, que explicam 51% da variância total da UCLA.

A matriz da ACP a 2 fatores, que parecem representar Isolamento Social e Afinidades, pode ser observada no quadro seguinte:

Quadro 1 - Matriz de duas Componentes Principais da UCLA-16 –
Saturação inicial e rodada

	Rodada	
	1	2
	Isolamento Social	Afinidades
UCLA1 – sente-se infeliz por fazer muitas coisas sozinho (a)		0,759
UCLA2 Sente que não tem com quem falar	0,256	0,754
UCLA4 Sente que tem falta de companhia		0,755
UCLA5 Sente-se como se realmente ninguém o compreendesse	0,416	0,589
UCLA7 Sente que não tem ninguém a quem possa recorrer	0,589	0,440
UCLA8 Não se sente íntimo de qualquer pessoa	0,491	
UCLA9 Os seus interesses ou as suas ideias são compartilhados por aqueles que o rodeiam	0,472	0,372
UCLA10 Sente-se abandonado	0,578	0,574
UCLA11 Sente-se completamente só	0,526	0,586
UCLA12 É incapaz de estabelecer contactos e comunicar com os que o rodeiam	0,572	
UCLA13 As suas relações sociais são superficiais	0,574	
UCLA15 Considera que na realidade ninguém o conhece bem	0,556	0,332
UCLA16 Sente-se isolado (a) das outras pessoas	0,649	0,514
UCLA17 Sente-se infeliz de estar tão afastado dos outros	0,555	0,499
UCLA18 É-lhe difícil fazer amigos	0,636	0,317
UCLA19 – sente-se posto (a) à margem e excluído (a) das outras pessoas	0,654	0,446

Optámos, também, por fazer uma ACP a 3 fatores para analisar se a sua distribuição era coerente com as dimensões apresentadas por Abreu (1995). No entanto, os resultados mostraram que uma solução a dois fatores era mais ajustada, uma vez que acrescentar uma terceira dimensão se revelou ineficaz ($\alpha=0,486$). Desta forma, os itens desta dimensão farão parte da dimensão global da solidão, dado que saturam significativamente no fator global (fator 1 na solução não rodada).

Assim, tal como se pode observar no quadro síntese que se segue, a versão UCLA-16 passa a ter uma variação possível de 16 a 64 pontos, avaliando o Isolamento Social e as Afinidades, sendo que quanto maior for a pontuação maiores serão os Sentimentos de Solidão.

O quadro da consistência interna da versão de 16 itens da UCLA revela uma consistência interna muito boa.

Quadro 2 - Análise da fidedignidade da UCLA-16 – Alpha de Cronbach

Valores métricos se o item for apagado	\bar{c}	s^2	R (corrigida)	Alpha
UCLA1 – sente-se infeliz por fazer muitas coisas sozinho (a)	28,76	85,333	0,576	0,899
UCLA2 – sente que não tem alguém com quem falar	28,91	84,367	0,660	0,897
UCLA4 – sente que tem falta de companhia	28,69	83,569	0,485	0,905
UCLA5 – sente-se como se realmente ninguém o (a) compreendesse	28,90	84,717	0,656	0,897
UCLA7 – sente que não tem ninguém a quem possa recorrer	29,23	85,608	0,668	0,897
UCLA8 – não se sente íntimo (a) de qualquer pessoa	28,99	89,233	0,379	0,906
UCLA9 – sente que os que o (a) rodeiam já não compartilham os seus interesses	29,05	88,201	0,535	0,901
UCLA10 – sente-se abandonado (a)	29,30	83,914	0,752	0,894
UCLA11 – sente-se completamente só	29,32	84,456	0,721	0,895
UCLA12 – é incapaz de estabelecer contactos e comunicar com os que o (a) rodeiam	29,16	88,174	0,454	0,903
UCLA13 – as suas relações sociais são superficiais	28,67	88,503	0,308	0,911
UCLA15 – considera que na realidade ninguém o (a) conhece bem	28,86	86,421	0,574	0,899
UCLA16 - sente-se isolado (a) das outras pessoas	29,18	84,101	0,766	0,894
UCLA17 – sente-se infeliz por estar tão afastado dos outros	29,14	84,906	0,677	0,896
UCLA18 – é-lhe difícil fazer amigos	29,17	86,097	0,617	0,898
UCLA19 – sente-se posto (a) à margem e excluído (a) das outras pessoas	29,29	85,379	0,718	0,895
Alpha de Cronbach Total (16 itens)	0,905			

Desta forma, tal como se pode observar no quadro síntese que se segue, a versão UCLA-16 passa a ter uma variação possível de 16 a 64 pontos, avaliando o Isolamento Social e as Afinidades, sendo que quanto maior for a pontuação maiores serão os Sentimentos de Solidão.

Quadro 3 - Análise da fidedignidade da UCLA-16 e suas subescalas – Alpha de Cronbach

UCLA	Itens	Alpha
UCLA-16 – Escala de Solidão-Versão Portuguesa UCLA	[UCLA1 UCLA2 UCLA4 UCLA5 UCLA7 UCLA8 UCLA9 UCLA10 UCLA11 UCLA12 UCLA13 UCLA15 UCLA16 UCLA17 UCLA18 UCLA19]	0,905
IsoS – Isolamento Social	[UCLA7 UCLA8 UCLA9 UCLA10 UCLA12 UCLA13 UCLA15 UCLA16 UCLA17 UCLA18 UCLA19]	0,867
Afin - Afinidades	[UCLA1 UCLA2 UCLA4 UCLA5 UCLA11]	0,806

Uma vez que a escala é administrada por um avaliador (tipo entrevista), era fundamental saber se a escala de solidão UCLA apresentava consistência interavaliadores, recorrendo-se a uma análise de medidas repetidas (ANOVAR)

Quadro 4 - Confiabilidade interavaliador da UCLA – medidas repetidas

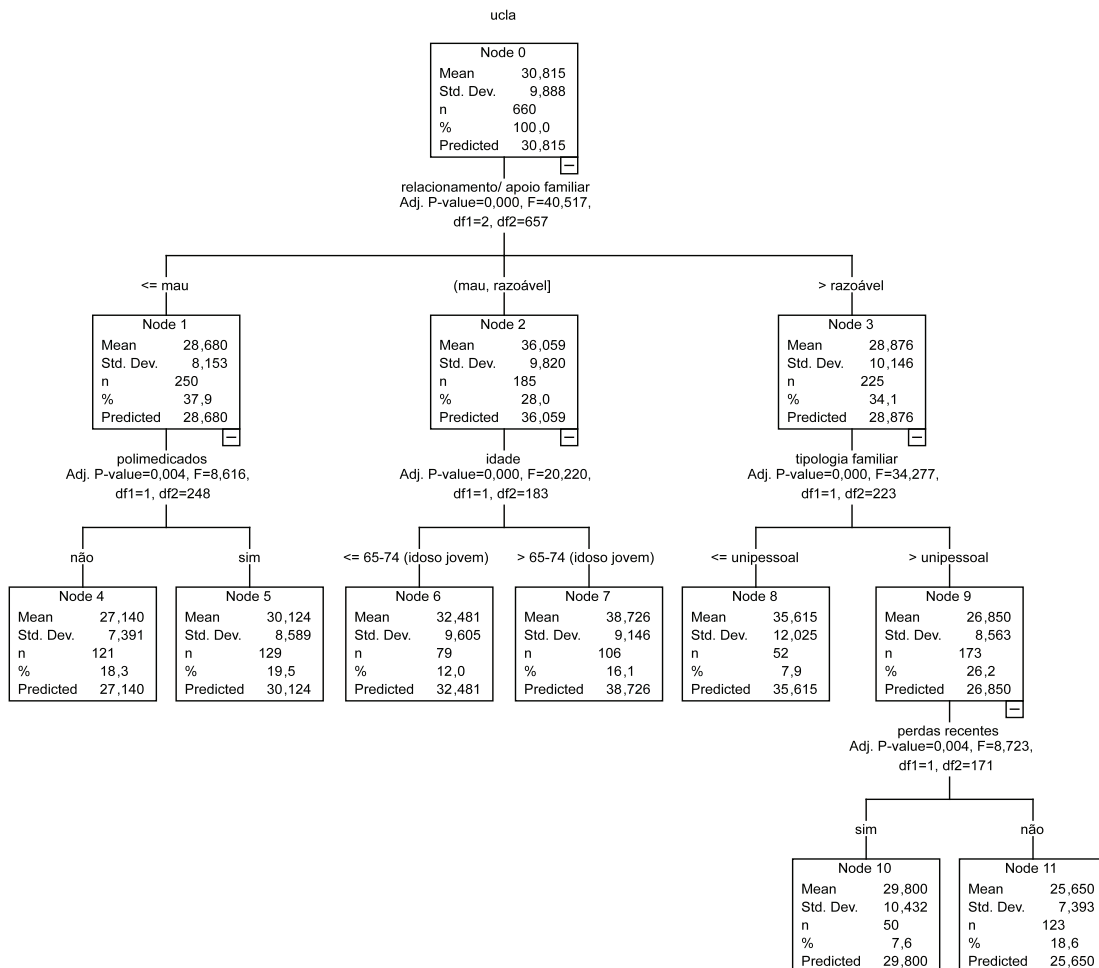
Avaliadores	Média	n	Desvio Padrão	95% Intervalo de Confiança	
				Limite inferior	Limite superior
A	35,605	38	12,04168	31,647	39,563
B	36,395	38	12,99176	32,124	40,665
C	36,632	38	12,25279	32,604	40,659
	Soma quadrática	gl	Média quadrática	F	Sig.
Linear	20,013	1	20,013	2,101	0,156
Quadrática	1,934	1	1,934	0,105	0,748
	Avaliadores	A	B	C	
Correlação	A	1,000	0,832	0,936	
	B	0,832	1,000	0,966	
	C	0,936	0,966	1,000	

Como se pode observar, os resultados interavaliadores são concordes com elevadas correlações entre eles, não apresentando diferenças significativas entre as médias ($p > 0,05$), o que revela que a escala pode, num mesmo estudo, ser administrada por várias pessoas, não interferindo esse facto nos resultados, uma vez que a pontuação não é influenciada pelas características do administrador.

Para encontrar os valores normativos da população idosa portuguesa, começamos por classificar a amostra pelo Método de Classificação Hierárquica exaustiva CHAID (*Chi-squared Automatic Interaction Detector*). Como variável dependente colocámos a UCLA-16. Seleccionámos, como variáveis independentes, sexo; idade; estado civil; fonte principal de rendimento; ambiente social; escolaridade; religião; passatempos habituais; hábitos alcoólicos; tipologia familiar; relacionamento familiar; perdas recentes; polimedicação; tentativas de suicídio prévias; antecedentes familiares de suicídio; comportamentos suicidários de amigos; comportamentos suicidários na comunidade; patologias diagnosticadas; e a perceção pessoal sobre o suicídio.

No modelo das causas da variação dos valores médios da solidão, na população idosa em geral, entraram o relacionamento/ apoio familiar, polimedicação, idade, tipologia familiar e as perdas recentes.

A árvore de decisões que se segue mostra as variáveis incluídas (preditoras na população idosa em geral), bem como os valores obtidos no modelo:



Como podemos observar, o valor médio obtido na UCLA-16 pela população é de 30,8. No entanto, baixa para 25,7, quando três condições se sucedem: o relacionamento familiar é bom; a tipologia familiar é unipessoal; e não se verificaram perdas recentes. A solidão sobe significativamente e apresenta os valores mais altos (38,7), quando estão associados dois outros aspetos: idosos com relacionamentos familiares de maus a razoáveis e com mais de 74 anos. Podemos ainda observar que a situação mais preditora da solidão é o mau relacionamento familiar, dado que é o primeiro nó deste modelo hierárquico.

A análise das medidas de tendência central, distribuição e dispersão

desta população de idosos mostrou que, em média, a população idosa portuguesa tem um score na UCLA-16 de 31 pontos e 75% da população observada apresenta valores iguais ou inferiores a 37. Estas análises, em conjunto com a análise discriminante, levam-nos a considerar como ponto de corte o valor de 32. Este será o valor normativo da escala de solidão UCLA-16 para classificar a população idosa portuguesa. Neste estudo, verificamos que 39% dos idosos apresentam sentimentos de solidão (valores >32 na UCLA-16)

CONCLUSÃO

A versão portuguesa da escala UCLA ficou constituída por 16 itens; apresenta duas dimensões (isolamento social e afinidades); tem elevada consistência interna e uma pontuação global >32 indicativa de sentimentos negativos de solidão.

REFERÊNCIAS

- Booth, R
2000 'Loneliness as a Component of Psychiatric Disorders'. *Medscape General Medicine* 2 (2). URL: <http://www.medscape.com/viewarticle/430545-print>
- Carpentino L. J.
1995 *Nursing Diagnosis: Application to Clinical Practice*. Filadélfia: J. B. Lippincott Company
- Fromm-Reichmann F.
1959 'Loneliness'. *Psychiatry* 22. pp.1-15
- Jong-Gierveld J, Raadschelders, J.
1982 'Types of Loneliness'. In *A Sourcebook of Current Theory, Research, and Therapy*. Editado por L. A. Peplau e D. Perlman D. Nova Iorque: John Wiley & Sons. pp.105-19.
- Peplau, L.A.; Perlman, D. (eds.)
1982 *Loneliness: A Sourcebook of Current Theory, Research, and Therapy*. Nova Iorque: Wiley Interscience.
- Russell, D.
1996 'The UCLA Loneliness Scale (Version 3): Reliability, Va-

- lidity, and Fator Structure'. *Journal of Personality Assessment* 66. pp.20-40.
- Slater P.
1976 *Earthwalk*. Nova Iorque: Doubleday.
- Storr, A.
1988 *Solitude: A Return to the Self*. Nova Iorque: Ballantine Books.
- Weiss R.
1973 *Loneliness: The Experience of Emotional and Social Isolation*. Cambridge, Mass: Massachusetts Institute of Technology Press.
- Weiss, J.
1957 'The Gamble with Death in Attempted Suicide'. *Psychiatry* 2. pp.17-25.

ANEXO

Escala de Solidão – UCLA – Daniel Russell

Traduzida e adaptada por Margarida Pocinho & Carlos Farate (2005)

	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca
1 – Sente-se infeliz por fazer muitas coisas sozinho	4	3	2	1
2 – Sente que não tem alguém com quem falar	4	3	2	1
3 – Sente que é insuportável estar só	4	3	2	1
4 – Sente que tem falta de companhia	4	3	2	1
5 – Sente-se como se realmente ninguém o compreendesse	4	3	2	1
6 – Já não está à espera que ninguém o (a) venha visitar, que lhe escreva ou telefone	4	3	2	1
7 – Sente que não tem ninguém a quem possa recorrer	4	3	2	1
8 – Não se sente íntimo de qualquer pessoa	4	3	2	1
9 – Sente que os que o rodeiam já não compartilham dos seus interesses	4	3	2	1
10 – Sente-se abandonado	4	3	2	1
11 – Sente-se completamente só	4	3	2	1
12 – É incapaz de estabelecer contactos e comunicar com os que o rodeiam	4	3	2	1
13 – As suas relações sociais são superficiais	4	3	2	1
14 – Sente-se com muita vontade de ter companhia	4	3	2	1
15 – Considera que na realidade ninguém o conhece bem	4	3	2	1
16 – Sente-se isolado das outras pessoas	4	3	2	1
17 – Sente-se infeliz de estar tão afastado dos outros	4	3	2	1
18 – É-lhe difícil fazer amigos	4	3	2	1
19 – Sente-se posta à margem e excluída das outras pessoas	4	3	2	1
20 – Mesmo quando existem pessoas à sua volta, sente que elas não estão consigo	4	3	2	1

Itens excluídos (3,6,14,20)

Validação Psicométrica da Escala UCLA-Loneliness para Idosos Portugueses

Psychometric Validation of the UCLA-Loneliness Scale for Portuguese Elderly

Sumário

Summary

O objetivo deste estudo é a adaptação e validação psicométrica da UCLA – Loneliness Scale para a população idosa portuguesa. A estabilidade temporal [α (16 itens) = 0.985], consistência interna (0.905) e validade fatorial (2 fator) demonstrou que a escala UCLA tem uma fidedignidade elevada como um instrumento de diagnóstico da solidão geriátrica. Esta conclusão foi validada pela análise discriminante da função. Finalmente, submetemos a amostra a classificação hierárquica pelo método CHAID (Chi-squared Automatic Interaction Detector), a fim de definir quais os parâmetros que podem ser preditivos de sentimentos de solidão nos idosos.

Palavras-chave: UCLA escala da solidão, fidedignidade, análise fatorial discriminante, CHAID.

The main purpose of this study is the adaptation and psychometric validation of the UCLA Loneliness Scale for the Portuguese elders. The analyses of temporal [α (16 items) = 0.985] and internal (0.905) consistencies and factorial (2 factor) validities demonstrate that UCLA-16 Loneliness Scale is highly reliable as a screening instrument for geriatric loneliness. This conclusion was further validated by both discriminative function analysis. In the realm of this study the sample has also been classified according to CHAID (Chi-squared Automatic Interaction Detector) method in order to identify the parameters that are predictive of the feelings of loneliness.

Key-words: UCLA Loneliness Scale, reliability, discriminant factor analysis, CHAID.